

UMA VIAGEM PELA FANTASIA ITALIANA

CNAPICH, Erica¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo mapear o gênero literário conhecido como fantasia na Itália. A formação da fantasia enquanto categoria literária foi um processo muito demorado, remontando a séculos: antes de seu efetivo surgimento, naquilo que podemos chamar de uma “fantasia autêntica”, é necessário descobrir quais gêneros, autores e obras, por assim dizer, abriram o caminho para tal evento. Torna-se assim relevante voltarmos à Idade Média, descobrir a épica cavaleiresca e os contos de fadas, depois, as obras de Italo Calvino. Esses três são alguns dos principais *momentos* que criaram um terreno fértil para a fantasia nascer e crescer em solo italiano, pois se trata de uma longa e complexa viagem que perdura séculos, abrange a literatura do *bel paese*, mas, ao mesmo tempo, a sua história e a sua cultura; ou seja, todos os aspectos que, de uma forma ou de outra, afetam um gênero tão fantástico como a fantasia.

PALAVRAS-CHAVE: fantasia, literatura italiana, épica cavaleiresca, contos de fadas, Licia Troisi.

A VOYAGE THROUGH ITALIAN FANTASY

ABSTRACT: This article aims to explore the birth of the fantasy literary genre in Italy. The development of fantasy as a literary category is a very slow procedure because it takes centuries to happen: before the effective rise of fantasy, which we can call “authentic”, it is required to explore the genres, the authors and works that opened the way – so to speak – to this event. So, it is very crucial to get through the Middle Ages, explore the fairy tales and the chivalric literature, and the works of Italo Calvino. These three are some of the major literature *moments* which have established a fertile land for the fantasy genre to born and grow within, so it really is a very long and intricated journey that lasts centuries, that runs through the literature of the *bel paese* but at the same time through its history and its

¹ Mestra em Línguas e Literaturas Estrangeiras e Culturas Modernas pela Universidade de Turim (Itália), tendo apresentado uma dissertação com um estudo sobre a literatura fantástica brasileira e uma proposta de tradução. Email: cnapich.ERICA@gmail.com

culture; consisting in all of the aspects that – through thick and thin – can affect a literary genre so fantastic as the fantasy.

KEYWORDS: fantasy, italian literature, chivalric literature, fairy tales, Licia Troisi.

O QUE É A FANTASIA? UM CONCEITO CONTROVERSO

Fantasy is a natural human activity. It certainly does not destroy or even insult Reason; and it does not either blunt the appetite for, nor obscure the perception of scientific verity. On the contrary. The keener and the clearer is the reason, the better fantasy will it make. (TOLKIEN, 1947, p. 27)²

Um *excursus* na complexidade do conceito da fantasia que se preze deve ter, sem dúvida, uma pequena introdução, ou seja, é preciso que se tome as rédeas para nos conduzir por esta viagem à descoberta da fantasia na literatura italiana. A fantasia, assim como explica J. R. R. Tolkien no trecho acima citado, autor conhecido como um dos “pais” da fantasia moderna, deriva na realidade de uma ideia relativamente simples: trata-se de algo natural, que faz parte da natureza dos seres humanos; a habilidade de criar, de imaginar algo que não existe ainda, que lhes permita fugir da realidade, mas, ao mesmo tempo, fazer parte dela. Então, por que é comum se dizer que se trata de um conceito controverso? Em geral, a fantasia é erroneamente confundida com a literatura fantástica, sendo que, na verdade, é apenas um dos diferentes gêneros que a pode compor (quando consideramos, é claro, o fantástico como modo narrativo e como macrocategoria), e, na verdade, um dos mais importantes contemporaneamente. Sem dúvida, a fantasia estabeleceu as bases para o sucesso do fantástico na sua definição mais vasta, e logo se tornou tão importante que adquiriu feição de um icônico gênero à parte.

No nosso imaginário coletivo, a fantasia, ou a *fantasy* – em sua grafia inglesa, como ainda é denominada em muitos países – muitas vezes é relacionada com a época medieval, na qual frequentemente se inspira, período aliás do qual se originam suas raízes mais profundas, pois o folclore e as crenças populares ajudaram na sua criação. Exemplo disso são as obras dos mais ilustres expoentes da fantasia mundial, como J.R.R. Tolkien (1892-1973), autor de *O*

² “A Fantasia é uma atividade natural do homem. Com certeza não destrói ou ainda insulta a Razão; e tampouco arruína o interesse ou obscurece a visão científica. Ao contrário. Quanto mais apurada e limpa for a razão, melhor vai ser a fantasia” (Todas as traduções indicadas em notas são de minha autoria).

Hobbit (1937) e *O Senhor dos Anéis* (1954), dentre outras obras; J.K. Rowling (1965), a célebre autora do mago mais famoso do mundo que dá nome à saga *Harry Potter* (1997-2007) e George R.R. Martin (1948), pai do popular *Crônicas do Gelo e Fogo* (1996-presente). Esses escritores são um exemplo significativo do sucesso da fantasia. Para usar uma metáfora, podemos dizer que essa é apenas a copa da árvore do gênero.

Assim, a relevância que a fantasia tem em qualquer âmbito, seja literário, seja audiovisual, está evidente, sobretudo, por seu aspecto transmidiático, dadas as constantes adaptações e recriações nas mais diversas mídias. Mas antes da publicação dessas obras de fantasia tão conhecidas no século XXI – inclusive por quem não gosta do gênero –, havia lendas e mitos antigos que, de certa forma, serviram-lhe de inspiração. Podemos dizer que os contos de fadas e as histórias oriundas dos folclores em geral se misturam para formar as “raízes” da fantasia, pois, retomando a metáfora, uma árvore não fica em pé sem uma base sólida. Por isso, dizemos que grande parte da inspiração do gênero, ao menos em suas primeiras formas, advém da literatura e das crenças da Idade Média. Não por acaso, uma de suas características mais fundamentais é a presença de animais e criaturas fantásticos, como dragões, elfos, fadas, sereias, ogros, unicórnios e bruxas, tornados protagonistas ou vilões e já presentes em muitos contos de fadas e em contos maravilhosos.

Em cada obra, temos uma lista interminável de caracteres e tipos que hoje se tornaram muito famosos, através de personagens como o mago Gandalf, o Cinzento (depois conhecido como: o Branco), o elfo Legolas, os amigos bruxos Harry, Ron e Hermione, a sacerdotisa e feiticeira Melisandre de Asshai (chamada também de a Mulher Vermelha), Drogon, Viserion e Rhaegal – os três celebres dragões de Daenerys Targaryen, para citar apenas alguns exemplos.

Outra característica fundamental que a fantasia recupera com frequência da literatura medieval é a tendência a uma divisão dicotômica e maniqueísta entre bem e mal, trevas e luz. Por meio dessa visão, o “herói”, figura central à volta da qual a história costuma ganhar forma, tende a lutar ardentemente para o bem vencer, e, muitas vezes, ele ou ela tem de embarcar numa longa jornada que costuma ter seu ápice na derrota das forças maléficas.

Podemos lembrar ainda uma característica, talvez até mais importante, que dá sentido ao próprio conceito de fantasia: o fato de a história, via de regra, passar-se em um lugar particular, que tem regras específicas e muito diferentes das nossas, o chamado “mundo secundário”. Este, em geral, é governado pela magia e não pela ciência, um aspecto muito importante para a definição da fantasia e, particularmente, para a dita “alta fantasia” ou *high*

*fantasy*³, na qual a história deve se desenrolar. Tolkien chama esse “outro mundo” de *Mundo Secundário*, diametralmente oposto ao nosso, o *Mundo Primário*. Aqui temos o ponto central que diferencia a fantasia do maravilhoso, gênero aparentado do qual deriva, uma vez que com frequência este se desenrola no “nosso” mundo e se caracteriza pela surpresa das personagens ante a magia, seja de forma positiva, seja de forma negativa⁴.

Por conta dessas características, a fantasia revela-se um gênero muito elástico, multifaceado, com diversos subgêneros, e por isso a crítica literária se divide em diferentes correntes de pensamentos. Sobretudo em países anglófonos, a fantasia e o fantástico são, muitas vezes, vistos como sinônimos, mas aquela se destaca enquanto categoria autônoma deste, principalmente por sua capacidade de se misturar e/ou se fundir em alguns momentos com outros gêneros, como a ficção científica, o horror, a distopia, o *steampunk* etc. Neste trabalho, contudo, vamos considerar e analisar a fantasia italiana não como sinônimo da literatura fantástica, tal como é considerada em países de língua inglesa, mas como uma *vertente* à parte, com regras específicas e indispensáveis para sua definição. Em particular, leremos a fantasia – e, mais especificamente, a alta fantasia – a partir de três características, como nos explica o escritor Colin N. Manlove (1942) no seu estudo *Modern fantasy: a five studies* (1982, p 16-17): “A fiction evoking Wonder and containing a substantial and irreducible element of supernatural or impossible worlds, beings or objects with which the mortal characters in the story or the readers become on at least partly familiar terms”⁵.

Segundo Manlove, acima de tudo, a fantasia deve ser uma ficção, uma invenção, algo que não existe no nosso “mundo primário”. Além disso, a essência sobrenatural deve ser apresentada como rotineira no *Mundo Secundário*, uma essência que, por outro lado, tem de ser acolhedora para os protagonistas e para os leitores também. A segunda característica própria da fantasia é que o conceito de sobrenatural deve sempre ser respeitado no decurso da história toda. A palavra “sobrenatural” deriva do vocábulo latino *supernaturalis*, ou seja, aquilo que tem propriedades ou características que ultrapassam a natureza. O mundo da fantasia deve ser regulado por leis sobrenaturais, em contraposição às leis físicas que regem o dito “mundo real”.

³ O termo “alta fantasia” (também conhecido como *high fantasy* ou *epic fantasy* em inglês) foi cunhado pelo escritor estadunidense Lloyd Alexander. É uma subcategoria do gênero literário fantasia caracterizado por ser ambientado em um Mundo Secundário imaginário, comumente povoado por feiticeiros, bruxas, fadas, elfos etc... um lugar onde a magia é a anfitriã, e sobretudo é um mundo diametralmente oposto ao “nosso”, o dito “Mundo Primário”.

⁴ Para mais informações sobre a diferença entre alta fantasia e maravilhoso, ver MANLOVE, 2020.

⁵ “A ficção evoca Maravilha e contém o substancial e irredutível elemento de sobrenatural ou mundos, seres ou objetos impossíveis com os quais os protagonistas mortais ou os leitores se tornam familiares.”

A última e a mais importante de suas características é a relevância que os elementos sobrenaturais ou mágicos devem ter na evolução da ficção, ou seja, eles devem ser essenciais e imprescindíveis à história.

RAÍZES DA FANTASIA NA ITÁLIA

A origem da fantasia na Itália pode ser identificada em elementos já presentes na épica cavaleiresca e nos contos de fadas, de modo que as características e os conceitos da fantasia italiana moderna podem ser lidos como muito antigos, cujas raízes se encontram, pois, nos primórdios da literatura do *bel paese*. É fundamental esclarecer que esses dois gêneros não são e nunca devem ser considerados sinônimos da fantasia; todavia, podemos dizer que são precursores que, durante uma longa jornada, semearam *topoi* literários e permitiram estabelecer as bases para a fantasia moderna se afirmar na segunda metade do século XX. Sem dúvida, não os podemos considerar puramente *fantasy*, por causa de diferenças básicas de cada gênero; então, nesse primeiro momento de nosso estudo, não encontramos textos, de fato, classificáveis como fantasia, apenas obras que antecipam alguns de seus temas e de suas características, que viriam a ser reincorporados pela fantasia futura, estabelecida por obras como as de Tolkien, após as quais se iniciou a produção italiana daquilo que se pode chamar de uma “fantasia autêntica”, ou seja, uma fantasia facilmente identificável dentro das convenções do gênero.

A épica, palavra que deriva do termo grego *epos*, ou seja, “conto, história, descrição”, é a narração poética das proezas heroicas de um povo. Já o subgênero da épica cavaleiresca, em particular, define-se assim por se centrar nas façanhas do mais valoroso dos tipos de herói medieval: o cavaleiro. A épica cavaleiresca, ou o romance cavaleiresco, pode ser dividida em três grandes grupos distintos por período histórico e por propriedades:

- **Primeira etapa (séculos XIII-XIV):** período caracterizado pela tradução em latim de obras estrangeiras (habitualmente obras nórdicas) e pela publicação do famoso romance *Il Milione* (em português conhecido como *As Viagens de Marco Polo*), de Rustichello de Pisa, considerada a primeira obra épica italiana;
- **Segunda etapa (séculos XIV-XV):** nesta fase, a difusão da língua vulgar, em substituição ao latim, torna possível uma maior divulgação, entre o povo, das obras épicas italianas que a princípio imitavam obras estrangeiras. Neste período, a épica se torna mais e mais imaginativa e fantasiosa, como é perceptível na obra *Orlando Furioso*,

de Ludovico Ariosto, sobre a qual se falará a seguir. Em tais textos, as solenes aventuras dos cavaleiros por vezes passam a carregar uma aura irônica e bizarra;

- **Terceira etapa (séculos XV-XVII):** este terceiro momento marca a perda da sacralidade da épica cavaleiresca, que adquire conotações já cômicas e absurdas, por vezes até de escárnio.

Um aspecto fundamental que deve ser considerado é que a Itália não tinha ainda uma língua única que cobrisse todo o território nacional. O latim era utilizado somente pelas classes abastadas, era a língua culta usada para temas eruditos, religiosos e jurídicos, enquanto a língua vulgar falada pelo povo era ainda fragmentada em diferentes dialetos. A língua literária que vai se formando nesse período é uma mistura entre as línguas da Itália do norte, influenciada por idiomas da França. A literatura desse período ainda era reservada apenas às pessoas nobres ou ricas. Um escritor representativo da época é Rustichello de Pisa (XIII-XIV), autor do primeiro romance épico italiano de viagem, *Il Milione* (1298), conhecido em português como *As Viagens de Marco Polo*.

Nessa obra, a narração centra-se nas aventuras da personagem histórica Marco Polo ao redor do mundo. Os assuntos são, portanto, reais, ou melhor, têm na base uma matriz real e histórica, à qual se acrescentam elementos mágicos e maravilhosos. Era aquilo que o leitor do tempo queria: exóticos e sensacionais contos maravilhosos que o fizessem viajar para lugares distantes e misteriosos, não importando se tais contos fossem verdadeiros ou não. Eram histórias caracterizadas pela presença de monstros e animais bizarros como imensas cobras ou mágicos unicórnios, assim como de outros povos então considerados exóticos e estranhos. Recorria-se ainda com frequência à magia, entendida como algo de origem demoníaca, segundo os ditames da Igreja, porém vista pelo protagonista Marco Polo com bons olhos.

Como dito antes, não nos encontramos ainda no terreno da fantasia autêntica, mas em um sentido abrangente podemos dizer que essa é uma “fantasia primordial”, ou melhor, uma vertente precursora da fantasia, pois efetivamente o sucesso de *Il Milione* influenciará outros autores italianos como Luigi Pulci, Matteo Maria Boiardo e Ludovico Ariosto, dos quais falaremos em seguida, que por sua vez também influenciaram a fantasia propriamente dita.

O RENASCIMENTO

Graças ao poeta Dante Alighieri (1265-1321), a língua vulgar começa a ser utilizada no lugar do latim, formando e estabelecendo o que hoje conhecemos como a moderna língua italiana e

permitindo, por conseguinte, a divulgação da literatura também entre as classes mais baixas da sociedade. Assiste-se, assim, a vulgarização da épica cavaleiresca e o nascimento dos *cantàri*, obras escritas em toscano vulgar divididas em duas partes, típicas dos contadores de histórias: a primeira parte cantada em versos e a segunda narrada em prosa.

Antonio Pucci (1310-1388) é o primeiro escritor italiano que não conhece o latim e que escreve em italiano, ou seja, em “vulgar” toscano. Seu poema *Historia della reina d'Oriente* (1969) é o mais famoso, constituído por quatro *cantàri* de 50 oitavas cada um, influenciando todos os poetas cavaleirescos posteriores. Nele, narra-se a história de uma rainha oriental muito aclamada pela sua beleza e pela sua força, que combate o imperador de Roma com encantamentos e armas maravilhosas, como uma espada invencível ou uma varinha mágica capaz de derrotar os inimigos sem lhes fazer mal. Nessa época, os *cantàri* se espalharam em todas as cortes italianas dos séculos XIV-XVII.

Concomitantemente, surge na Itália o *Dolce Stilnovo*, o que, com a poética moralista de Dante e Boccaccio, refutando qualquer forma de representação da magia como farsa e superstição, impede em parte o andamento dessa “fantasia *avant la lettre*”, por assim dizer. A partir de então, a literatura italiana se divide em dois movimentos: por um lado, há uma literatura que exalta determinada inteligência e racionalidade, colocando o homem ao centro do seu destino (o movimento Humanista se faz porta-voz desses ideais); por outro, há uma pequena parte da literatura ainda afeita aos maravilhosos cenários cavaleirescos e medievais.

Na corte estense de Ferrara⁶, brotam duas grandes composições: o *Orlando Innamorato* (1495) e o *Orlando Furioso* (1516), de autoria de Matteo Maria Boiardo (1440-1494) e Ludovico Ariosto (1474-1533), respectivamente, obras complementares que ainda não são consideradas fantasias propriamente ditas, mas que podem ser lidas como importantes precursoras no contexto italiano. Ambas contêm diversos componentes típicos da fantasia: a temática da viagem, através de lugares como florestas mágicas, castelos amaldiçoados por fantasmas e palácios enfeitados; os heróis lutam pelo bem do mundo e há magos e magas, bons e maus, como Atlante, Melissa e Alcina; além de outros elementos mágicos e encantados, como armas e couraças indestrutíveis, anéis que tornam invisíveis seus portadores e chapéus capazes de conceder invulnerabilidade. A magia, nesse contexto, é aceita como parte da natureza, sendo utilizada em diversas ocasiões.

⁶ O nome deriva da família Este (ou Estensi), uma das famílias mais influentes da Itália, que governou a cidade de Ferrara, onde ficava a corte.

Os contos de fadas barrocos, por sua vez, são o outro elemento que, conjuntamente com a épica cavaleiresca, contribuíram para a formação da fantasia. Esse gênero se mostra preponderante, porque põe em evidência personagens fantásticos em situações insólitas e mágicas, ao contrário da épica, na qual estes eram só elementos que andavam à volta das aventuras incríveis do protagonista. Os contos de fadas têm componentes fantásticos de tradição popular, ambientações comuns onde trabalham seres sobrenaturais e onde a magia ganha um papel central. Esse gênero nasce a partir da união entre antigas religiões, estritamente ligadas à natureza (basta pensar em todos os contos de fadas que ocorrem nas florestas e em todas as transformações para formas animais) e os velhos mitos da tradição oral. É comum que esse gênero tenha um propósito moral e pedagógico, e precisamente por isso foi, com o tempo, considerado como algo voltado para crianças, pois passou a ser utilizado para a educação infantil. Suas principais características são: 1) personagens mitológicos e monstruosos (então considerados reais), os mesmos que vão ter um papel central na verdadeira literatura de fantasia, como bruxas, feiticeiros, elfos, duendes, fadas, trolls, gnomos etc.; 2) longas viagens, a partir de uma geografia não definida, sendo que, com frequência, os personagens embarcam na aventura sem despendar tempo ou energia; 3) a presença de animais falantes e mágicos, além de constantes metamorfoses humano-animais e humano-vegetais; 4) a aparição de espadas e armas especiais e mágicas. Assim, os contos de fadas se tornam uma válida continuação de uma tradição que vinha sendo desacreditada pelos Humanistas.

Um dos mais importantes escritores italianos barrocos de contos de fadas é Gianbattista Basile (1566-1632), autor do famoso *Lo Cunto de li Cunti* (1634), isto é, “o conto dos contos” em português, uma coletânea de quarenta e nove contos de fadas que inauguram o novo gênero que se expandiria por toda a península itálica. Basile recolhe diversas fábulas europeias e orientais, revisitando-as e dando-lhes consistência italiana; seus contos são escritos, aliás, em dialeto napolitano. Isso significa que, na verdade, as fábulas realmente originais são muito raras, porque grande parte dos escritores do gênero revisitam as versões clássicas. Depois da grande proeza de Basile, a evolução dos contos de fadas conhece uma repentina estagnação que dura quase dois séculos, por causa do Século das Luzes e da predileção pela lógica tão estimada pelos iluministas italianos – ao contrário dos colegas franceses, que ainda exaltam a função educativa dos contos de fadas.

Por essa razão, os contos de fadas voltam à ribalta devido ao interesse pela época medieval renovada pela chegada do Romantismo. Com o novo movimento, os contos de fada

voltam à vida com as suas histórias que poderiam parecer um pouco “absurdas” aos olhos iluministas da geração anterior, motivo pelo qual se mantém uma exceção na literatura italiana da época, normalmente paternalista e pedante. No século XIX, porém, o gênero recupera a sua luz perdida, numa versão mais forte, graças sobretudo a Carlo Collodi (1826-1890) que se tornou famoso em todo o mundo pelo enorme sucesso da sua única obra dividida em capítulos *História de uma Marionete*, rebatizada em seguida como *Le Avventure di Pinocchio* [As Aventuras de Pinóquio] (1883). Essa obra é o ponto de encontro entre a épica cavaleiresca já extinta e o que podemos chamar de “novo” conto maravilhoso, já não mais pautado em histórias orais ou folclóricas, mas, sim, apresentado por meio de histórias autorais, conferindo à literatura italiana um primeiro “gosto” da fantasia. Em *Pinóquio*, vemos, portanto, as seguintes características: 1) provas de força e determinação (típicas da épica) para o protagonista amadurecer; 2) personagens não-humanas como o gato e a raposa, que personificam enganos e astúcia; 3) a figura do vilão cruel encarnada pelo marionetista Stromboli, que pune Pinocchio e os outros bonecos; 4) a magia, que não acontece através objetos, mas através da vontade e da dedicação (tópica moralista típica dos contos de fadas), tratada de forma naturalizada. A fama dessa obra, infelizmente póstuma, encorajará numerosos autores italianos a escreverem contos de fadas, autorais ou derivados de histórias populares, na virada do século XIX para o século XX.

ITALO CALVINO: UMA FIGURA DE TRANSIÇÃO

Será apenas com a aproximação do novo milênio que a equação “épica” mais “contos de fadas” começará a dar frutos. Sem dúvida, o enorme sucesso da primeira edição italiana do *Senhor dos Anéis*, publicada na Itália em 1970 – aproximadamente quinze anos depois da publicação na Inglaterra –, permitirá aos escritores italianos darem os primeiros saltos nessa direção, despindo-se de uma literatura ainda bastante formal e com pouco apelo junto ao público mais jovem, fazendo surgir, por fim, a verdadeira fantasia. De fato, na Itália, o interesse pela épica e pelos contos de fadas tinha terminado havia muito tempo e por conta das novas tecnologias como a televisão e a fotografia, a partir dos anos 1950, o interesse se centra, pouco a pouco, em temas mais sociais: é a nova corrente neorrealista.

Curiosamente, no entanto, o autor mais importante da época é Italo Calvino (1923-1985), um dos escritores mais estimados da península até hoje, considerado um escritor de

transição, pois mesmo não aderindo ao neorealismo, não chega a encarnar propriamente a conjunção entre épica e maravilhoso que resultaria em uma fantasia genuína: “Calvino è una figura di transizione, non uno scrittore che marca un’epoca”⁷ (RESSA, 2017, p. 129). Ainda assim, sem ser um autor de fantasia, é inegável a presença de uma nova forma de fantástico em grande parte de suas obras.

Ele fez a sua estreia com a trilogia fantástica e alegórica “I Nostri Antenati” (1960), constituída pelos volumes *Il Visconte Dimezzato*, *Il Barone Rampante* e *Il Cavaliere Inesistente*. A primeira história ambienta-se na Ligúria do século XVIII e tem como protagonista o visconde Medardo, personagem cindida entre o bem e o mal, que se torna metáfora da condição humana por sua incompletude e imperfeição ante o certo e errado e por suas diferentes emoções. Assim, Medardo passa a ser dois indivíduos autônomos e independentes: Gramo, a contraparte malvada, e Buono, a contraparte positiva. Trata-se, pois, de uma história que remete ao tema do duplo, caro ao fantástico produzido no século XIX.

A segunda história é contada pelo irmão do protagonista, Biagio. Ele e o seu irmão Cosimo Piovasco di Rondó pertencem a uma família nobre liguriana. Um dia, após uma ridícula discussão, Cosimo decide subir numa árvore e nunca mais descer. E assim o fez. Passou toda a sua vida dentro das copas das árvores, herdando o título de barão depois da morte do pai e, assim, tornando-se notório como o “barão trepador”. Ou seja, trata-se de uma história mais absurda do que propriamente fantástica, mas na qual se evidencia o elemento insólito.

A terceira e última história se centra nas aventuras de Agilulfo, cavaleiro que não existe, pois, na verdade, trata-se somente de uma branca armadura, brilhante, mas vã, movida pelo dever e pela fé cristã. Ele é um dos campeões de Carlos Magno, empenhado na guerra contra os mouros e na busca pela donzela que salvou de um rapto, ação que lhe permitiu o título do cavaleiro, agora contestado pelos seus congêneres. Porém, antes de descobrir a efetiva legitimidade de seu título, decide tirar a própria vida, dissolvendo-se no ar. Trata-se, pois, de uma obra claramente inspirada nos contos da épica cavaleiresca, mas adequada ao absurdo corrente na literatura do século XX.

É evidente que não estamos ainda diante de uma verdadeira fantasia, mas o trabalho de Italo Calvino abre caminho para novos autores e para novos temas no âmbito das vertentes do fantástico em língua italiana, dando o impulso final ao surgimento da autêntica fantasia na Itália. É interessante e útil enfatizar que Calvino se ocupou de elementos da fantasia e do

⁷ “Calvino é uma figura de transição, não é um escritor que marca uma época”.

fantástico por toda a sua vida, tornando-se um dos primeiros estudiosos do gênero ainda não completamente desenvolvido – trabalho que o levará a vencer o prêmio World Fantasy⁸ em 1982 com a sua obra *Fiabe italiane*, trabalho que concede aos contos de fadas uma conotação menos infantil do que antes, considerando-os não mais como obras educativas para crianças, mas como narrativas das quais também os adultos podem desfrutar. De um modo abrangente, não é exagero dizer que Calvino é um marco extraordinário na história da literatura italiana.

ANOS 70: AMAZON, A PRIMEIRA FANTASIA ITALIANA

Finalmente, durante os anos 70 do século XX, o mercado editorial italiano começa a perceber as potencialidades desse “novo” gênero, já prolífico na Inglaterra e nos Estados Unidos há cerca de quarenta anos. A verdadeira fantasia chega à Itália em 1970 graças ao icônico *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, mas a data do nascimento da fantasia italiana é 1978, quando é publicado o primeiro livro de *heroic fantasy* italiano, *Amazon*, de Gianluigi Zuddas (1943). Entre ambientações em estilo *Sword and Sorcery*⁹ e amazonas que vivem e combatem ferozmente nas terras de um Mediterrâneo alternativo e arcaico, desenvolve-se uma história heroica e venturosa, onde o clássico papel do herói é interpretado por fortes mulheres independentes, que provam ser guerreiras bem mais corajosas do que os personagens masculinos. Trata-se de uma obra de fantasia irônica e leve, onde as protagonistas, além das amazonas, são também as armas mágicas e os “gongos de teletransporte” (trata-se de instrumentos mágicos, que se revelam uma forma de portal que possibilita o teletransporte). Então, podemos entrar nas aventuras de Shalla, o Tigre, e do casal Sombra de Lança e Gota de Fogo, que lutam contra malignos feiticeiros como os Sacerdotes do Gelo que podem gerar imensas tempestades com o poder do pensamento.

Amazon representa o efetivo começo da fantasia genuína na Itália, o primeiro pilar dessa literatura. Entre as demais obras de Gianluigi Zuddas podemos encontrar, outros volumes do “Ciclo das Amazonas”: *Le amazzoni del sud* (1983), *L’invitato del dio* (1983), *L’avventuriera del deserto* (1987), *Le guerriere degli abissi* (1983), *Stella di Gondwana* (1983) e *Il volo dell’angelo* (1984) que se sucedem a *Amazon* (1978). Além disso, Zuddas também é autor de outros romances, a saber: *I pirati del tempo* (1980), *Balthis l’avventuriera* (1983), *Le guerriere*

⁸ O World Fantasy Award é um prestigioso prêmio literário estadunidense atribuído anualmente durante a World Fantasy Convention (WFC), desde 1975.

⁹ Esta expressão, que significa literalmente “espada e feitiçaria”, foi cunhada por Fritz Leiber em 1961 na revista *Ancalagon*. Trata-se de um tipo de fantasia caracterizado por ritmos rápidos e por uma ambientação exótica.

degli abissi (1983), *Le armi della Lupa* (1989) e *C'era una volta un computer* (2006). Infelizmente, todas as suas obras permanecem inéditas em português.

DOS ANOS 80 AO NOVO MILÊNIO

Nos anos 80, a casa editorial Solfanelli instaura o agora prestigioso prêmio Tolkien, o mais importante reconhecimento literário para a fantasia no país, que em 1994 passa a ser administrado pela *Società Tolkeniana Italiana*¹⁰, que muda o nome para prêmio Silmaril. Nesse período, o editor Solfanelli se distingue por ser o primeiro a publicar contos e romances inéditos de fantasia de autores italianos, em vez de apenas traduzir obras estrangeiras como era o costume até então. Evidência disso é a multiplicidade de coletâneas que criou: *Minas Tirith* (1986-1995) e *Lo Specchio di Galadriel* (1988-1994) primeiramente, nomes que remetem de forma explícita às obras de Tolkien. Habitualmente, o prêmio é atribuído durante a convenção Hobbiton, que tem lugar na região italiana do Friul. Assim, o novo milênio parece ter renovado a fantasia italiana, sobretudo após as adaptações cinematográficas de *O Senhor dos Anéis* e de *Harry Potter*, fenômeno também visto em diversos outros países não anglófonos, de maneira que a fantasia passou a alcançar cada vez mais público, consolidando-se de maneira definitiva em nosso território. Falemos agora um pouco sobre os mais importantes escritores da fantasia italiana moderna, com ênfase, em Valerio Evangelisti, Licia Troisi e Moony Witcher.

Valerio Evangelisti (1952) é um escritor de difícil classificação, pois seus livros não se enquadram numa definição restrita de gênero, já que recuperam elementos da fantasia, da ficção científica, do *new weird* e do romance histórico. Sua saga mais famosa internacionalmente é o *Ciclo di Eymerich* (1993), que se desenvolve em um total de quatorze livros e conta da história de um inquisidor dominicano que realmente existiu e que dá o título à série. A história se desenvolve na Europa medieval ao redor das investigações sobre acontecimentos estranhos e mágicos, colocando em evidência o contraste entre a crueldade e o poder da Igreja e os ritos e os mistérios tipicamente medievais. O *Ciclo di Pantera*, constituído por três livros que contam as incríveis aventuras de um pistoleiro-feiticeiro mexicano, enquadra-se no subgênero *western fantasy*. É uma outra saga famosa desse autor, conjuntamente ao *Ciclo dei Pirati*. A impossibilidade de classificação num gênero específico dos livros de Evangelisti deixa alguns estudiosos um pouco perdidos, mas isso não parece ser

¹⁰ Sociedade sem fins lucrativos fundada por Paolo Paron, em 1992, na ocasião do centenário do nascimento do J.R.R. Tolkien, que tem como objetivo o estudo e a difusão de suas obras.

importante nem para os leitores nem para o próprio escritor, que durante uma entrevista para a revista online de fantasia *FantasyMagazine.it*, declara: “Quanto a me, scrivo storie che mi piacciono – sperando che piacciono anche ad altri – senza preoccuparmi troppo della loro etichetta futura” (EVANGELISTI, 2010)¹¹.

Para o presente estudo, importa mais a qualidade de suas histórias e os preponderantes elementos de fantasia presentes, que marcam uma nova época na literatura italiana, pois a partir de então, o grande público teve acesso ao gênero, por meio de um autor italiano. A fantasia, por tanto tempo tão relegada a segundo plano, como algo para crianças ou de menor qualidade, passou a alcançar novos picos de popularidade, tornando-se um dos mais célebres gêneros literários italianos. No Brasil, alguns títulos de Evangelisti foram traduzidos pela Ed. Conrad, dentre eles os três volumes da trilogia “Magus”, de 1999, que contam em formato ficcional a vida de Nostradamus, o volume *Le catene di Eymerich* (1995), do *Ciclo di Eymerich*, publicado como *As correntes da inquisição*, e *Black Flag* (2002), que integra o *Ciclo di Pantera*.

Outra escritora italiana famosa de fantasia, apesar de ser uma figura muito controversa, é Silvana De Mari¹² (1953), autora de *L’ultima stella a destra della luna* (2000) e *La bestia e la bella* (2003), dois dos mais renomados romances infantis do novo milênio. Mas seu sucesso se deve, sobretudo, à publicação da saga de *L’ultimo elfo* que se afasta da literatura para crianças e se projeta para um público mais adulto. O protagonista é um menino elfo em constante fuga, Yorshkrunsquarkljolnerstrink, abreviado em Yorsh – o último da sua estirpe. Ele vive em um mundo destrocado por causa de gigantescas tempestades e condições meteorológicas adversas, acreditando-se que tudo fora consumido pela magia dos elfos. Durante a sua fuga, Yorsh conhece os humanos Monser e Sajra, que o ajudam a despeito da hostilidade que têm em relação ao elfos. A narração se desenrola na cidade de Daligar, a capital do reino governado pelo tirânico e impiedoso Juiz Administrador. Então, devido aos poderes incontroláveis de Yorsh, os três são presos e condenados à morte, mas conseguem escapar e encontram refúgio no pico de uma montanha, onde habita o velho dragão Erbrow. Este lhes conta que as nefastas mudanças climáticas foram causadas por um grande meteorito. O pequeno elfo decide, então, permanecer com o dragão, enquanto Monser e Sajra decidem viver no minúsculo povoado de Astrid, onde têm uma filha, Robi. Yorsh, no topo da montanha, descobre que Erbrow está a chocar um ovo,

¹¹ “Eu mesmo escrevo histórias de que gosto – na esperança de que outros gostem também – sem me preocupar com suas futuras etiquetas”.

¹² Conhecida também no Brasil com os livros *O último elfo* e *O último ogro*, ambos publicados pela editora Rocco, em 2008.

de forma que fica com eles por treze anos cuidando dos dragões. A partir daí, a narração se desloca para a Casa dos Órfãos, onde mora Robi, sozinha, porque os seus pais foram executados por terem ajudado o elfo. Ao descobrir isso, Yorsh quer salvar a menina e os dois vão descobrir que estão irremediavelmente ligados pela mesma profecia. Durante a luta pela fuga, o pequeno dragão morre para salvar algumas crianças, que fundam uma nova cidade perto do mar. Mas a tranquilidade que tanto querem não está nas proximidades... A saga de *L'ultimo elfo* se compõe de: *L'ultimo elfo* (2004), *L'ultimo orco* (2005), *Gli ultimi incantesimi* (2008), *L'ultima profecia del mondo degli uomini* (2010), *Io mi chiamo Yorsh* (2011), *L'ultima profecia del mondo degli uomini. L'epilogo* (2012), *Arduin il rinnegato* (2017) e *L'ultimo mago* (2020).

Embora De Mari seja uma grande autora de fantasia, já consolidada no panorama literário italiano, recebe críticas intensas por ser uma fervorosa idealista de extrema-direita e também porque já foi condenada por difamação grave contra “Coordinamento Pride Torino” e “Rete Lenford”, duas associações apolíticas e apartidárias para a proteção dos direitos LGBTQIA+ na Itália.

Por sua vez, Vanni Santoni (1978) é o autor pós-moderno e inovador que enfim conseguiu desligar a literatura fantástica italiana da influência tolkeniana para redescobrir o cânone clássico e medieval, com a sua única saga *fantasy*, a trilogia: *Terra ignota – Risveglio* (2013), *Terra ignota – Le Figlie del Rito* (2014) e *L'impero del sogno* (2017), inéditos em português. É uma saga que mistura épica cavaleiresca, contos de fadas e folclore. Conta a história da pequena Ailis, que parte em busca de sua melhor amiga Vevisa, levada por um misterioso e implacável grupo de cavaleiros, os quais matam todos aqueles com quem se deparam. Assim Ailis, durante a sua longa viagem, conhece a magia, o amor, a escravidão e a guerra, enquanto descobre suas raízes e seu enigmático destino.

Também o professor Giovanni De Feo (1973) é um nome muito importante no mundo literário, porque o seu *Il Mangianomi* (2010) é um dos primeiros livros de fantasia que se passa na Itália. A criatura que dá o nome à obra – em português “o Comenomes”, é uma entidade esquiva e misteriosa que vive na escuridão e, como o seu nome sugere, devora os nomes das pessoas e das coisas, que se tornam vazias e sem alma. A única possibilidade para o Ducado de Água-viva, onde a história acontece, é pedir ajuda para o jovem caçador Magubalik. Ele parte para uma longa viagem, uma descida ao submundo, onde encontra bruxas, lobisomens, contadores de histórias e bandidos.

Por fim, cabe falar de Licia Troisi e Moony Witcher (1957), talvez os dois maiores nomes da fantasia italiana, tanto nacional quanto internacionalmente, ambas com vários títulos traduzidos para o português, publicadas no Brasil, respectivamente, pelas editoras Rocco e Best-Seller. Da primeira, destaca-se seus livros do *Mundo Emerso*, conhecidos em todo mundo por trazerem aventuras inovadoras, de fácil e agradável leitura, passadas num universo de fantasia. A série é dividida em três grandes arcos.

O primeiro é *Le Cronache del Mondo Emerso*, constituído pelos volumes *Nihal della terra del vento* (2004), *La missione di Sennar* (2004), *Il talismano del potere* (2005) e *Le storie perdute* (2014). Estes primeiros quatro livros contam a história de Nihal, uma jovem menina muito estranha aos olhos das outras pessoas, porque tem cabelo azul, grandes olhos violeta e orelhas pontudas. Depois da luta contra o diabólico e cruel Aster, o tirano, que queira conquistar todos os oito territórios que compõem o Mundo Emerso, Nihal é ajudada por seu inseparável amigo e feiticeiro Sennar e por sua infalível espada de cristal preto. Assim, torna-se a heroína que salva o mundo inteiro. Mas o Tiranno não é vencido definitivamente, e os territórios libertados ainda necessitam da ajuda dos dois heróis. Sennar embarca, então, numa longa viagem para o Mundo Submerso para pedir ajuda na guerra. Enquanto isso, Nihal é nomeada Cavaleira do Dragão, o mais alto cargo existente e combate Dola, aliado do Tiranno, a quem derrota utilizando uma mágica obscura e proibida. Os dois amigos, por fim reunidos, descobrem o único jeito para vencer de uma vez por todas o Tiranno: usar um potente talismã criado com oito gemas reunidas. Em seguida, partem à procura dessas pedras preciosas com outros amigos a tiracolo, numa longa viagem cheia de perigos e inimigos. Uma vez composto o talismã poderoso, começa a guerra que drenará todas as forças dos rebeldes, mas, ao final, Nihal encara o Tiranno, descobrindo que não se trata de um terrível e assombroso feiticeiro, mas de uma criança meio-elfo, como ela. Uma vez derrotado o mal, o Mundo Emerso fica livre, mas Nihal parece morta. Uma morte estranha, pois o talismã drenou todas as suas forças vitais, mas o último guardião da oitava pedra faz um feitiço e Nihal acorda: ela continuará viva se nunca remover o talismã.

Por sua vez, o arco de *Le Guerre del Mondo Emerso* se compõem dos livros *La setta degli assassini* (2006), *Le due guerriere* (2007) e *Un nuovo regno* (2007). Sua história se passa quarenta anos depois de “As Crônicas”, após um período de paz, quando a maléfica guilda dos assassinos, cujos membros são destinados a qualquer forma do homicídio, quer trazer de volta o poder do Tiranno. A protagonista Dubhe, a ladra mais hábil (e gentil) do Mundo Emerso, é

escrava dum encantamento da guilda que a faz se transformar num monstro sanguinário. Na sede da guilda, ela conhece Lonerin, um jovem mago enviado como espião para descobrir os perversos planos dos assassinos. Então Dubhe e o seu novo amigo, Lonerin, conseguem fugir: Dubhe deve se livrar da maldição e sua única possibilidade é o poderoso feiticeiro Sennar, para por fim, junto com Lonerin, impedirem que os planos da guilda se concretizem. Ela parte, na sequência, em busca de Sennar, enquanto a guilda escolhe uma vítima sacrificial: Sen, o neto de Nihal e Sennar. Começa assim uma longa viagem para os dois: Dubhe e Lonerin se confrontam várias vezes com alguns assassinos da guilda, lutam contra a maldição e também contra uma tentativa de suicídio, mas por fim conseguem encontrar Sennar e pôr a salvo Sen, com a ajuda de Theana, a aprendiz de feiticeira de Sennar. Em seguida, Dubhe e Theana partem para uma terra remota para quebrar a maldição, e Lonerin e Sennar partem à procura do velho talismã, a única coisa que pode deter a ressurreição do Tiranno. Durante a batalha contra a guilda, Sen e Theana são feitos prisioneiros e Dubhe decide soltar a Besta dentro de si e destruir a sede da guilda para salvá-los, enquanto Sennar e o seu amigo gnomo Ido lutam contra os assassinos, trazendo de volta mais uma vez a paz no Mundo Emerso.

Por fim, o arco *Le Leggende del Mondo Emerso*, ambientado cinquenta anos depois de “As Guerras”, é formado dos volumes *Il destino di Adhara* (2008), *Figlia del sangue* (2009) e *Gli ultimi eroi* (2010). Neles, Adhara encontra-se num campo sem saber como, sem lembrar o seu nome e a sua vida passada. Conhece, então, Amhal, um aprendiz de cavaleiro, que a ajuda a descobrir a sua história. Em paralelo, a paz do Mundo Emerso fica em perigo mais uma vez: uma epidemia misteriosa causa muitas vítimas, e a população dos elfos começa a levantar várias revoltas. Adhara descobre ser uma arma para derrotar o mal, bem como a legítima herdeira de Nihal: na guerra contra os elfos, os quais são os responsáveis pela peste, terá de sacrificar a si mesma para Amhal conseguir vencer definitivamente o mal no Mundo Emerso.

Como se vê, as histórias de Licia Troisi são o que podemos chamar de uma fantasia autêntica, do subgênero *high fantasy*, pois acontecem em um mundo secundário claramente definido, com leis próprias, onde prevalece a magia e não a ciência. São histórias povoadas por elfos, feiticeiros e gnomos, mas o elemento principal é sempre a perpétua luta entre bem e mal; aqui representada como uma confrontação cíclica. A paz não perdura, assim como o mal não fica no poder para sempre. O Mundo Emerso sempre tem heróis prontos para salvá-lo.

Além disso, Licia Troisi é uma autora das mais produtivas no âmbito da fantasia, tendo publicado outras sagas como: “La Ragazza Drago”, composta por *L'eredità di Thuban* (2008),

L'albero di Idhunn (2009), *La clessidra di Aldibah* (2010), *I gemelli di Kuma* (2011) e *L'ultima battaglia* (2012); “I Regni di Nashira”, com os títulos: *Il sogno di Talitha* (2011), *Le spade dei ribelli* (2012), *Il sacrificio* (2013), *Il destino di Cetus* (2015); “Pandora”: *Pandora* (2014), *Il risveglio di Samael* (2016), *L'Erede di Gavri'el* (2017) e *Il potere di Arishat* (2018); ou ainda “La saga del Dominio”: *Le lame di Myra* (2016), *Il fuoco di Acrab* (2017) e *L'isola del santuario* (2018).

Por fim, falemos de Moony Witcher, pseudônimo de Roberta Rizzo, outra escritora italiana de fantasia para crianças e jovens adultos. Witcher alcançou o sucesso em vários países devido à saga *La Bambina della Sesta Luna* (2002), constituída por *Nina e il mistero dell'Ottava Nota* (2003), *Nina e la maledizione del Serpente Piumato* (2004), *Nina e l'Occhio Segreto di Atlantide* (2005), *Nina e il Numero Aureo* (2012), *Nina e il potere dell'Absinthium* (2014) e *Nina e l'Arca della Luce* (2017). Nessa saga, a protagonista Nina é uma criança de dez anos que vive na Espanha com as suas tias porque seus pais são cientistas que trabalham num centro de pesquisa dedicado à vida extraterrestre. Nina é uma menina muito especial: tem uma pequena mancha que parece uma estrela de cinco pontas, símbolo dos seus poderes mágicos e alquímicos, herdados do avô materno, Misha. Um dia, ele a convida para sua residência em Veneza, na Villa Espasia, mas pouco antes de chegar, o avô morre por causa de um ataque cardíaco. Nina herda, então, a Villa e o laboratório alquímico e descobre que, por trás da morte do seu avô, há truques e jogos de poder. Misha e os feiticeiros brancos, aos quais pertencia, tiveram como tarefa a proteção dos habitantes de Xorax, a Sexta Lua. Descobre-se, então, que o conde Karkon ‘Ca d’Oro é um malvado feiticeiro e alquimista que quer conquistar Xorax para obter o poder absoluto. Será a missão de Nina e de seus amigos impedir os escusos planos do conde e salvar a Sexta Lua e o mundo inteiro; começa, assim, uma mágica aventura cheia de encantamentos e testes que conduzirão o desenvolvimento da pequena Nina.

Assim como Licia Troisi, Moony Witcher é uma das mais conhecidas autoras de fantasia italiana e, embora seja considerada uma escritora de livros para crianças, seus livros são muito interessantes também para jovens adultos e fãs do gênero. As suas histórias, ao contrário das de Troisi, não acontecem inteiramente num mundo secundário, pois começam no nosso mundo governado pela ciência, apresentando, pouco a pouco, a magia como elemento

raro, para depois se deslocar para um mundo onde os encantamentos reinam incontestados, ou seja, trata-se de uma fantasia de portal¹³.

CONCLUSÕES

Durante essa longa viagem, descobrimos como a fantasia nasceu, pouco a pouco, no nosso país, devido a um processo histórico e cultural que durou séculos. Parece estranho, mas esse gênero teve a necessidade de uma espécie de longa incubação, desenvolvendo-se lentamente, para depois surgir quase de repente. Desde a épica cavaleiresca, com os seus elementos insólitos e a sua aura solene, passando pelos contos de fadas, cheios de encantamentos e mistérios, essencialmente destinadas ao ensino da moral, até chegar à fantasia propriamente dita, pura e sem véus. Apesar de tudo, na história e cultura italianas, temos de agradecer uma vez mais à literatura inglesa e ao “pai” da fantasia, J. R. R. Tolkien, que fizeram tornar realidade esse longo processo, pois como se viu, suas obras influenciaram não apenas o seu país, mas o mundo inteiro, permitindo desenvolver um gênero tão especial e mágico. Em seguida, vimos como os autores Evangelisti, De Feo, Witcher e, sobretudo, Troisi foram capazes de coletar o que Tolkien e seus sucessores semearam, criando assim uma nova fantasia: uma fantasia com um sabor todo italiano, rica de *topoi* literários clássicos e mediterrâneos. Afinal, com esse panorama procuramos mostrar que tão importante quanto o destino é a própria viagem.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Bruno Anselmi Matangrano, graças a quem me aproximei desse mundo maravilhoso e mágico da fantasia. Foi um prazer tê-lo encontrado e conhecido, quase por acaso, por ocasião de meu trabalho de mestrado, que consistiu numa proposta de estudo e tradução do seu incrível livro *Contos Para Uma Noite Fria* – meu primeiro contado com a literatura fantástica brasileira. Desde então, não me afastei mais do fantástico.

¹³ A fantasia de portal (conhecida como *portal fantasy* em inglês) é um subgênero da fantasia no qual as personagens são transportadas para outro mundo, habitualmente mágico, por meio de um portal. Exemplo excelente disso é a incrível obra de C.S. Lewis, *As Crônicas de Narnia*, que conta as aventuras dos irmãos Pevensie no mundo secundário de Narnia, ao qual chegam por meio de um armário encantado, o dito “portal”.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIOSTO, L. *L'Orlando Furioso*. BUR Biblioteca Univ. Rizzoli, 2012.
- BASILE, G. *Lo Cunto de li Cunti*. Garzanti, 2008.
- BOIARDO, M.M. *L'Orlando Innamorato*. BUR Biblioteca Univ. Rizzoli, 2011.
- CALVINO, I. *I Nostri Antenati*. Mondadori, 2016.
- COLLODI, C. *Pinocchio*. Feltrinelli Traveller, 10ª edição, 2014.
- DA PISA, R. *Il Milione*. De Agostini, 2017.
- EVANGELISTI, V. *Nicolas Eymerich, inquisitore*. Mondadori, 1993.
- EVANGELISTI, V. Entrevista a Valerio Evangelisti, *Fantasy Magazine*, 07/01/2010.
Disponível em: <https://www.fantasymagazine.it/>. Acesso em: 20/04/2021.
- MANLOVE, C. *Modern fantasy: a five studies*. Resource Publications, 2020.
- MARTIN, G.R.R. *Cronache del Ghiaccio e del Fuoco*. Milano: Oscar Mondadori, 2013.
- PUCCI, A. *Historia de la Reina d'Oriente*. Forni, 1969.
- RESSA, F. *Il Fantasy in Italia*. Solfanelli, 2017.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter*. Firenze: Salani Editore, 2002.
- TOLKIEN, J.R.R. *Il Signore degli Anelli*. Milano: Giunti Editore S.P.A., 2017.
- _____. *Lo Hobbit*. Milano: Bompiani/RCS Libri S.P.A., 2013.
- _____. *On fairy-stories*. Harper Collins, 2014.
- TROISI, L. *Cronache del Mondo Emerso – la trilogia completa*. Mondadori, 2006.
- _____. *Guerre del Mondo Emerso – la trilogia completa*. Mondadori, 2009.
- _____. *Leggende del Mondo Emerso – la trilogia completa*. Mondadori, 2012.
- WITCHER, M. *La Bambina della Sesta Luna*. Tutta la storia, Giunti Junior, 2008.
- ZUDDAS, G. *Amazon*. Tabula Fati, 2011.